

Dia dos Mortos,¹

Rui Rothe- Neves

Com a tradição no ar, no ano passado foi uma carta nestes mesmos dia e teor pra comemorar nossos mortos. Esses sobre o quais passamos nesse exercício de diálogo em sussurros a que nos acostumamos chamar literatura. Que ora se repete. Como outras vezes antes, o chão que hoje nos deixa pisar, um equilátero com Poe no ápice e nas bases, de um lado, Richard Wilbur, "Mind", de Things of this world, 1956. Destroços dele é o que se traduz:

E isto simulou uma quase perfeição?
A mente é qual morcego. Precisamente. Salvo
Que na mais feliz inteligência
Um erro gracioso possa corrigir a caverna. ²

A poetas: "Meus poemas se inclinam a favorecer uma espiritualidade que não é abstraída, não é dissociada e renunciando ao mundo. Uma boa parte do meu trabalho poderia ser entendida como querela pública com a estética de E. A. Poe"³

No outro lado da base da tríade que preside a noite (é, uma noite), outro, que não ouço agora.

¹ Enviado ao poeta paraense Raul Thadeu da Ponte Souza, escrito em 2.11.1992, este excuro quer apontar algumas relações intertextuais (com o extra-texto, inclusive) que de alguma maneira se dão no repertório da (melhor) poesia brasileira contemporânea. Traduções minhas.

² In: The Harvard Guide of Contemporary American Writing, Harvard University, 1979, p. 474.

³ Idem.

O Corvo⁴
(a E. A. Poe)

Nos confins da memória
um pássaro negro alçou vôo
(rasgou os véus da inconsciência
penetrou a atmosfera)

Ontem um corvo cortou o céu
baixo
sobre a cabeça.

Não ontem,
agora.

Na berlinda, no entanto, segue outro e soturno e velho e americano. Porque este texto é um percurso, como os outros textos. Pra dizer que andar é com os pés e escrever, com as mãos. Não as duas coisas misturadas numa cabeça sem crânio. E a alusão ao calçamento não é metáfora, mas um argumento sincero. Por isso Pound na berlinda, pra quem conhecimento difere de conhecença, que é reger com o polegar, como Heráclito, Confúcio, o connaisseur avaliando em primeiro plano.

Sobre ele encontrei outro dia o primeiro texto sem paixão sobre a época do fascismo, de 1965, depois de tudo. Fala dos motivos e das seqüências. Tal.⁵

E por outras pedras é possível chegar a uma conclusão óbvia: podemos andar porque há onde pisar. Primeiro um pé, depois o outro, à vista de uma geração literária que ainda se debate pelos Cantos (ao final se verá que por eles é que se toma a sopa). E talvez outra ainda.

O primeiro apoio é a lista cronológica dos Cantos. É possível completá-la.⁶

⁴ Ponte Souza, in *IX Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira*, Fundação Cultural Cassiano Ricardo, S. José dos Campos, 1994, p. 139.

⁵ Refere-se a GOODWIN, K.L. *The Influence of Ezra Pound*. Oxford Univ. Press, Londres 1966, p. 66-69.

⁶ Refere-se à simples ordenação cronológica das edições *princeps* dos Cantos.

O segundo é um adendo. Trata-se do caso das pedras de Rimini, relatado em EP: Poet as Sculptor; Davie, Donald. R&KP, Londres 1965. Da página 127:

"Adrian Stokes, que encontrou Pound muitas vezes em 1927, 1928 e 1929, em Rapallo e Veneza, escreveu alguns livros que fazem um comentário iluminador, talvez indispensável, aos Cantos. O mais importante deles é *The Stones of Rimini* (1934). Nele, Stokes trata bastante da derivação do mármore a partir da pedra calcária que, de todas as pedras, é a que tem mais afinidade com o elemento Água. Ele sustenta que grandes escultores em mármore, como Agostino de Duccio, o escultor do Templo de Sigismundo⁷, expressa seu material por meio de figuras que dele esculpem; e fazendo assim, tentam (inconscientemente) fazer juízo à origem líquida da pedra. Esta fantasia, argumenta, é particularmente comum e potente em Veneza, construída sobre as águas, seu prazer e prosperidade baseados na supremacia naval e comércio marítimo. No Canto 17, para começar, aparece o epíteto para pedra que Stokes costumava utilizar, *salt-white*".⁸

O problema Mauberley é exposto por Davie assim: "Em 1918, Percy Wyndham Lewis foi para o exército, e Pound continuou uma série de 'cartas imaginárias' com que Lewis vinha contribuindo para *The Little Review* (...). O suposto autor das cartas é Walter Villerant, um sujeito mais interessante do que agradável: *Sou, com qualificações, malthusiano. Deveria consentir em casar sobre pressão, se estivesse de algum modo convencido da razoabilidade de reproduzir a espécie. Mas meus nervos e os nervos de qualquer mulher com a qual eu pudesse viver por três meses só produziriam uma vítima - bela talvez, mas vítima; exalando a dor aromática dos jasmíns, escassa em im-*

⁷ O original traz a nota: De acordo com John Pope-Hennessy, *Italian Renaissance Sculpture*, Londres 1958, a maior parte desta escultura é hoje atribuída a Matteo de Pasti.

⁸ Este Canto está disponível em português apenas na tradução de Grūnewald (*Os Cantos*, Nova Fronteira: Rio, 1986), que traz "branco salino", um substantivo seguido de adjetivo, enquanto o original apresenta apenas um substantivo. Não se refere à possibilidade de, à maneira de "branco-gelo" e "branco-areia", traduzir o termo para "branco-sal".

pulsos, um mero cordão de discriminações."

(Carta a Mrs. Bland Burn, My dear Lydia)⁹

Na página 94 Villerant declara:

Eu desconfiei deste gosto como sendo de russos; tendo passado anos num país bárbaro não podem esperar que tenha interesse por outro. Tudo de valioso é produto de metrópoles.¹⁰

"Por sua associação a Yeats, presumivelmente, mas ainda mais por sua correspondência com o patrão iluminado John Quinn em New York, Pound teve contato com os nacionalistas irlandeses em Londres, e especificamente com a intransigente revolucionária Maud Gonne, objeto da paixão desesperançada de Yeats até se casar com John McBride, um dos líderes e mártires do Levante de Dublin em 1916".

Em novembro de 1918, Pound escreveu a Quinn relacionando o fanatismo de Maud Gonne com o de Yeats por fenômenos psíquicos, e diz: "Conservatrice des traditions milésiennes", as de Gourmont calls them."¹¹

O corvo rasga os véus da inconsciência, penetra a atmosfera. O fantasma recém-chegado agora é James Joyce. Em "The Dead", faz referência ao nacionalismo irlandês, citando um levante e apresentando uma revolucionária intransigente. (Talvez este dado desautorize menos ainda refutar o subtítulo já proposto para os versos de número X, de Hugh Selwyn Mauberley: Retrato do Artista quando Velho). Sempre se disse ser Pound um poeta cheio de si e de literatura, mentor, gestor, patrocinador. É verdade. Sem ele teríamos alguns autores a menos em circulação. No entanto, escolhia bem seus favorecidos. Em primeiro lugar, des jeunes, os poetas mais novos, era mister agir com os bons novos poetas como o tradutor com os antigos: pondo-os

⁹ Ver a tradução de Augusto de Campos (AC) para *Drifted... Drifted precipitated*, em Campos et alii, *Ezra Pound - Poesia*, Hucitec/UnB 1983, p. 129.

¹⁰ AC: Este o seu crime-, op.cit., p. 117.

¹¹ AC p/ XI, op.cit., p. 125.

em circulação. Depois, os diretamente envolvidos com ele em algum movimento, Imagismo, Vorticismo. Deste último apoiou indistintamente poetas, dois músicos, um escultor e um escritor. Joyce jamais pertenceu a nenhum movimento, abandonara a poesia antes de conhecer Pound e gastava muito dinheiro. Pra que financiar suas atividades?

Adentrando um território ainda virgem, pode-se dizer que Joyce foi o mestre mais caro de Pound (qual o santo que está na berlinda?) Por exemplo: a alternância, ou melhor, justaposição de narrativas é o que acontece já no Retrato do Artista quando Jovem. Aliás, o ensaio de Pound sobre Ulysses¹² louva justamente o discorrer dos dialetos urbanos de diversas camadas sociais, como recurso para determinar local e data, sem a descrição balzaquiana do espaço e, portanto, de forma econômica, que é como a língua evolui. E ainda: Dedalus é este recurso aplicado à persona de Browning. Porque houve realmente um Cino Polnesi e um Bertrand de Born. Mas, enquanto aqueles falam na sua época para possibilitar a circulação do seu estilo, Dedalus é a criação que permite criticar a realidade, diretamente, por meio da linguagem que nela é produzida. Dedalus apareceu duas vezes, Joyce morreu sem amigos. Onde as cartas de Villerant são um balão de ensaio para Mauberley e, como já se sabe, este prepara as figuras-fissuras da estrutura múltipla dos Cantos, a poesia se afiando na ficção. Esta assinatura estamos aqui para ler.

Pondo as cartas na mesa: o texto do fascismo mostra o poeta fiel às motivações; a lista dos Cantos, a história; Stokes revela como Pound compõe um mosaico com imagens conquistadas no correr dos séculos; Mauberley é o mosaico das imagens e procedimentos conquistados recentemente. O triângulo se fecha: Pound deve a Joyce a persona crítica do contemporâneo e a linguagem das ruas. E já que desvelamos um uso, aponto outro, ainda inseguro: Ulysses traz diversas citações do Zarathustra no alemão, que não fazem sentido senão contextualizadas, no cotejo com o original; e os trechos de John Adams nos Cantos, não são assim? Tecer o inventário, do berço à cicatriz. Esta, a Aufgabe de quem escreve com os pés, como Poe, como os arcanos.

Isto, flores e velas onde atraca hoje a barca de Caronte.

¹² In: POUND, Ezra. *A Arte da Poesia*; trad. José Paulo Paes/Heloísa Dantas de Lima, Ed. Cultrix, São Paulo 1988.